

# Eles que não escondam armas no mato

— afirma o Presidente Joaquim Chissano ao "Newsweek"

Don.  
2/8/92

DURANTE a sua visita aos Estados Unidos, o Presidente Joaquim Chissano concedeu uma entrevista ao semanário norte-americano "Newsweek", ao longo da qual analisa alguns aspectos cruciais do processo de paz moçambicano, oferecendo, nesse contexto, alguma luz quanto aos desenvolvimentos que poderão verificar-se em Roma, quer no quadro das discussões em curso na Praça de S. Egidio, quer mesmo em relação ao que ele próprio poderá discutir no encontro com Afonso Dhlakama.

Nas suas declarações, Chissano faz prevalecer o seu tradicional discurso de moderação. Afirma, logo no início da entrevista, que "a paz pode chegar a qualquer momento", mas reclama que a Renamo mantém um calendário provendo o cessar-fogo "pelo fim do ano".

Ao abordar o curso das discussões sobre questões militares, Chissano dá a entender que as posições da Renamo vão no sentido de garantir que Dhlakama participe nas futuras "Forças de Defesa Nacional" com metade do total dos efectivos — do que se poderia "compreender" a proposta de um pequeno exército integrado por 15 mil homens, pois de contrário, "a Renamo é capaz de não ter homens suficientes". "Eles afirmam terem 20 mil homens, mas a tendência é pensar que o número está abaixo disso",

acrescenta Chissano.

No quadro do ponto IV da agenda de Roma, relativo a garantias, o Presidente da República coloca a possibilidade de a Renamo vir a pedir garantias sobre o que poderá resultar das eleições gerais multipartidárias. Ao Governo, diz Chissano, a Renamo deverá dar garantias de que "eles não vão esconder armas no mato, para usá-las caso as coisas se tornem politicamente difíceis para eles; depois das eleições. A Renamo deverá garantir ainda "cooperação para se pôr cobro ao banditismo a seguir às eleições", depois do que passar-se-á a discutir as modalidades técnicas do cessar-fogo e o respectivo calendário operacional, conforme determina a agenda de Roma.

Interrogado sobre se a Renamo "poderá transformar-se em partido político", Chissano deixa a entender que, apesar de a Renamo ter "conseguido qualquer coisa desde 1990" precisaria de mais tempo para se reconverter em força política. "Tiveram dois congressos (desde 1990 — o primeiro em Junho desse ano e o segundo em Dezembro do ano passado), produziram novos estatutos e tiveram eleições para os corpos directivos do seu movimento. Retiveram o processo de paz para terem mais tempo. Se precisam de mais tempo, não tenho a certeza". — ("Newsweek", de 27 Julho de 1992).